

LUBECK, VISTA DA PORTA D'HOLSTEIN.

A CIDADE de Lubeck, se nos referirmos á sua historia, é muito importante entre as de segunda ordem no solo germano, posto que o aspecto actual a não recommende á curiosidade do viajante. Jaz u'uma baixa, que por conseguinte a priva de lanços pittorescos, não obstante o desvelo com que pertenderam aformosear os arredores, em paiz bem cultivado, por onde os rios Trave e Wakenitz encaminham suas correntes: ha campos viçosos, hortas e jardins tratados com esmero, alamedas umbrosas; ha povoações espalhadas, e por todas ellas se decifram actividade nas tarefas, e commodos da vida: é inegavel que a vista ao perto consola pelas impressões moraes, mas de longe não ha perspectiva, e nós agora fallámos dos accidentes do terreno, e da collocação dos variados objectos, que sustentam; a uniformidade da superficie desmagina o pintor. Ha só um ponto donde póde tirar-se tal ou qual retrato da physionomia de Lubeck, e vem a ser da porta de Holstein; dahi, e enfiando pela ponte, avistam-se as cupulas dos edificios antigos, bella casaria, e as aguas mansas do rio.

A curta distancia acha-se a pequena cidade de Travemunda; terá mil pessoas; está na foz do Trave, como diz o seu nome; é propriamente o porto de Lubeck, e possui um pharol de grande altura, e todas as accommodações para os navios, que alli mercadejam.

A quem se lembrar da descripção de Hamburgo a pag. 226 do nosso vol. 1.º, e da noticia sobre a liga hanseatica a pag. 349 do vol. 2.º da Serie 1.ª, não são por certo desconhecidos nem o nome, nem o valor mercantil de Lubeck. No recinto desta cidade foram celebradas a maior parte das assembleas daquella notavel confederação commerciante: ahi se guardavam os archivos e thesouros da liga: as armadas hanseaticas foram por vezes capitaneadas pelos burgomestres de Lubeck. — Atenuou, mas

não afundiu a sua prosperidade, o flagello epidemico denominado *vomito negro*, que em cinco mezes lhe arrebatou dois terços da população no meio do seculo 14.º — Dois seculos depois registava na sua milicia cincoenta mil dos seus cidadãos, numero que corresponde á população de duzentas mil almas. — Desde a dissolução da Hansa tem passado por muitas vicissitudes; a mais conhecida das suas catastrophes, por isso que é contemporanea e nasceu das tempestades, oriundas da França e devastadoras da Europa, foi o saque absoluto, os assassinios e assolões de toda a casta, cometidos pelas tropas francezas depois da retirada de Blucher do campo de Jena. Encorporaram-na, e tambem Hamburgo, no imperio francez em 1810; e só recobrou foros e liberdade depois da batalha de Leipzig em 1813.

Já Lubeck não é praça fortificada; as esplanadas são passeios publicos: no interior é mais regularmente construida que as cidades antigas da Alemanha; as ruas são limpas e as casas bem edificadas, apesar do feitio antiquado de muitas: a sé é rica de formosas pinturas; a igreja de St.ª Maria sobresahe entre as mais excellentes da maneira gothica na Germania septentrional. Na casa do senado, tambem de estylo gothico, se vê a sala em que se ajuntavam os deputados da Hansa.

Causará pasmo, attento o que dito fica, como em chão tão povoado [se os historiadores não mentem] se reduziu o numero dos habitantes a 78:900 almas, incluindo Travemunda e Bergedorff: consideremos todavia quão espantosas revoluções sociaes sepultaram em arêas e converteram em desertos a potentes nações, copiosas em gente e riquezas; e não nos espantará a decadencia de Lubeck; esta ao menos, subsiste com seu trafico e povo, diminuidos é verdade, mas independentes; e prospéra dentro dos limites que lhe marcou o transito dos seculos.

2.ª SERIE — VOL. III.

ACADEMIA DAS BELLAS-ARTES DE LISBOA.

Exposição de 1843.

## II.

## ARCHITECTURA.

... l'architecture est le premier des arts, c'est l'art des grandes nations, des grands rois et des grands siècles. Elle parle plus haut que la poésie, aussi haut que l'histoire, elle est la manifestation victorieuse de toutes les forces qui passent dans le monde.

(J. JANIN. — Salon de 1839 — huitième article).

O MUNDO antigo devia deixar de si uma lembrança mais eterna do que a recordação das suas virtudes e dos seus feitos de armas — deixou-a — colossal e rude nas pyramides do antigo Egypto — sinistra e profunda nos pagodes da mysteriosa India — magestosa e eterna nas puras e nobres linhas dos templos gregos — adulterada e escrava, mas algumas vezes formosa, nas varias formas da arte romana. — A architectura, encravada no mundo pelos seus alicerces, dirigiu para o céu os seus obeliscos, as suas pyramides, e as suas cupulas, e absorvendo em suas differentes formas o pensamento das nações foi o laço eterno que uniu a antiguidade ás epochas modernas, assim como hade ligar esta epocha aos seculos futuros: mas com uma differença, grande e importante — não é só em pedra que o presente deixará escripta a sua historia — perto da pagina de marmore está a pagina de papel, junto do hieroglypho está a letra, sobre o altar da velha cathedral vê-se o Evangelho surgido das prensas de Guttemberg. — O edificio era já pequeno archivo para os recordações de tantos seculos — a columna — o arco — a pyramide, e a ogiva tinham sido combinadas de quantos modos era possivel para representarem o pensar e o caracter dos povos: mas esse pensar tornou-se mais activo do que nunca, vigoroso e grande já lhe não bastavam para o expressar as combinações que até ao seculo 15.º tinham representado — a invenção da imprensa era uma necessidade — o livro veio auxiliar o edificio, não o veio matar. A palavra fallada expirava na eschola, no foro ou no templo, e quando muito era por algum tempo conservada no manuscripto, mas sem força e quasi moribunda — o livro tornou-a immortal: foi um novo meio de que a humanidade se serviu para legar aos vindouros a sua memoria — o edificio não bastava, já o dissemos, para archivar lembranças de tantos seculos e transmittir as recordações de tantos e tão varios factos: mas tambem o livro não basta — um não mata o outro — é mister que esta verdade seja reconhecida por todos, que a comprehendam completamente, e que meditem nos resultados de que póde ser origem. — O architecto tem obrigação de estudar as relações em que o edificio está com o sociedade actual, e as relações em que estará com as sociedades futuras; deve elevar-se até a altura da sua missão, e mostrar-se digno da nobreza do seu caracter, pois que só deste modo poderá a architectura vir a ter a nova epocha, esperada desde o renascimento; o que se deve fazer para que esta esperança não morra — em palavras póde-se limitar a pouco — adoptar al-

guns dos typos antigos, formar um typo ecletico, ou crear um novo. Examinemos rapidamente estes tres recursos, pois que todos tres se manifestaram nesta exposição: o primeiro é talvez impossivel — a forma não póde existir sem que o mesmo pensamento a constitua — ora qualquer dos pensamentos de que nasceram as differentes expressões da arte antiga — morreram — e para sempre. O poder absoluto da theocracia, o imperio absurdo dos heroes ou violento dos conquistadores, e os dourados tempos da democracia grega e romana — não voltam — não podem, nem talvez devam voltar. O eterno delta, sustentado pelas columnas que só variavam por tres modos — a sublime pureza e harmonia das linhas, a magestade dos contornos, são typos de perfeição sobre o papel, não deixariam de o ser transformados em pedra; mas por certo seriam anachronismos em relação aos nossos usos e costumes. — Já não ha gregos do tempo de Pericles ou de Alexandre, assim como não póde haver Phidias nem Lysippos. Os Homeros não percorrem a Europa cantando a Iliada; apenas os pigmeus de voz sonora recitam a sua peripecia por entre montes de typos velhos: mas ninguem os ouve, todos os desprezam — o que dizemos acerca da architectura grega pode-se applicar á romana do seculo d'Augusto — a essa architectura que os gregos modificaram em Roma, que tomou um caracter mais original na construcção de St.ª Sophia, e que expirou em S. Pedro de Roma nos braços maternas da arte grega. — Os differentes escriptores, que mais proveitosamente estudaram a philosophia da arte, não são todos conformes na opinião de considerar a architectura romana como um typo distincto, e muitos a consideram como uma degeneração da pureza e magestade da grega, ou como um esforço inutil do genio romano para despedaçar a montanha de ferro que o abafára, e sobre a qual os Cesares tinham cravado o estandarte das conquistas. — Hegel que fundou o seu systema philosophico no vastissimo e profundo pensamento de que a historia litteraria é a melhor formula que se póde appresentar de um systema esthetico, e que em virtude deste principio transformou a philosophia em historia, não mencionou a epocha romana em nenhuma das epochas em que dividiu a historia da arte — na primeira comprehendeu a civilização da India e do Egypto — a esta epocha chamou o mundo oriental — o pensamento está escondido, pela forma parece não existir, e sobre essas cidades e templos, sepultados na terra e escondidos entre os rochedos, não adeja uma só idéa do céu — os homens estão prezos á terra como as construcções de Benarés, a cidade santa do Indostão, e as pyramides! os poemas Mahahorata e Ramayna são immensos — gigantes, e pezados como estes monumentos. — Os gregos formam a segunda epocha, que tem por formula uma equação — o pensamento é igual á forma — Raphael de Urbino no quadro da *eschola de Athenas* commemorou este progresso da arte erguendo para o céu o braço de Platão — na Grecia o sentimento harmonisou-se com a razão; Hegel chamou a esta epocha o mundo antigo; e sem marcar uma nova epocha para mencionar a existencia da arte romana, passa a tratar do periodo a que chama mundo moderno [e a que dá origem o apparecimento de Dante] estudando as obras do genio romano juntamente com as do genio grego: este modo de considerar a historia da arte parece-nos muito philosophico e vantajoso de imitar; mas a existencia da

Roma antiga foi tão independente e original — a sua influencia deixou tantos e tão varios vestigios em todo o mundo, que ainda hoje, assim como sob a imagem de S. Pedro está a columna de Trajano, sob as formulas e os principios de muitas das nossas instituições, e sob algumas expressões do pensamento, está a Roma pagaã antes que Constantino a matasse para sobre o seu cadaver gigante, encostado nas corôas e nas espadas dos seus Cesares, envolto no manto imperial e na toga republicana, alçar a cruz, que no decurso dos seculos transformaria esse imperio morto em um imperio eterno. — O colliseu ergue ainda a sua fronte orgulhosa e atrevida entre os monumentos do christianismo: mas existe como uma mumia — e os seus muros repetem submissos o som com que o sino da basilica de S. Pedro marca as epochas da nossa religião — mas no centro do mundo moderno ninguem duvidará que apparecem recordações da antiga Roma — e foram estas as considerações que nos obrigaram a considerar como um typo separado a architectura romana; — na exposição, como adiante veremos, o Sr. João Pires da Fonte, professor proprietario da aula de desenho de architectura civil, appresentou este typo em todo o seu vigor e magestosa riqueza no projecto para um palacio de justiça; e em outros projectos appresentados para differentes edificios veremos que apparece dominante o estylo romano com preferencia ao grego, ou aos differentes estylos, que um abuso de palavras continuado por quantos tem escripto em materia d'arte, e talvez o não estarem ainda todos completamente estudados, tem feito com que se considerem reunidos no que vulgarmente chamam gothico, — adoptaremos esta denominação apesar de impropria: porque desejamos que todos nos entendam. — Este typo, mais variado do que os que temos appresentado, nasceu de uma idéa vasta como o infinito, poderosa como a força, que arremeçou o occidente sobre o oriente, que pareceu dobrar o mundo, e que o fez estremecer com o pezo das armas e o encontro dos combates. — Os cruzados foram mais do que homens pelo valor, e menos do que anjos pela ambição — conquistaram e civilisaram, civilisando-se — mas não puderam deixar de ser homens: e que admira? todos o somos, e por tanto sujeitos ao erro. As cruzadas mudaram a phisionomia da humanidade, que de severa ou brutesca tornou-se expressiva pela crença e formosa pela esperança. — A pedra decompoz-se como as idéas, tomou mil formas como o pensamento: mas assim como na decomposição das idéas houve uma regularidade perfeita, e nas transformações do pensamento houve uma tendencia geral — nessas decomposições e transformações da pedra tambem houve regularidade e tendencia para a unidade que o novo symbolo devia representar. — As columnas abraçaram-se — a fraternidade dos homens reflectiu-se nesse frio e duradouro abraço do marmore, e a architectura de fabulosa ou epica converteu-se em um hymno, sublime como o pensamento da eternidade, harmonioso como o universo. Mas até nestes canticos appareceu a fraqueza humana, e canções profanas mancharam a pureza dos hymnos tão do céu, e assim como no prelo onde se imprime a Biblia se pôde imprimir o *sophá* de Crebillon — a architectura, que se havia santificado por tantas inspirações divinas, foi adulterada pelas mais indignas profanações. — Em alguns desses desvios da arte, como diz Victor Hugo, os capiteis foram ornados com frades e freiras em posições impro-

prias, como em uma das salas do palacio de justiça em París; ou um frade bachico, com orelhas de burro e o copo na mão, ria ante uma communidade inteira, como na abbadia de Bocheville. — Separem de todo esta parte, que lhe não pertence, e considerem o estylo chamado gothico, depois da sua rudeza, mas antes da decadencia, e ver-se-ha que esta architectura toda ideal teve muitas variações, e que depois de haver desprezado as pezadas formas com que principiára, de haver elevado as suas abobadas como por encantamento, e rasgado as suas maciças paredes para deixar penetrar a luz atravez dos vidros pintados por varios modos, se ramificou, formosa e crente por toda a Europa, conservando sempre a lembrança da sua origem. Nas torres da cathedral de Strasburgo, no zimbório da cathedral de Colonia, nos palacios de Milão e de Padua, no aqueducto de Genova, na ponte de Pavia, no palacio de Belfiore, na igreja de S. Petronius, e nas immensas construcções com que a idade media aformoseou Florença, Milão, Pisa e Mantua: no convento de Christo em Thomar, na Sé de Coimbra e no mosteiro de Belem — apparece a idéa primitiva — apesar das transformações por que passou. — O typo gothico infelizmente não teve um representante na exposição — peza-nos ter de mencionar esta falta, nascida do aspecto moral da epocha em que vivemos, e não do genio dos artistas. — A mão que traçou o respeitoso plano de um palacio de justiça — as que fizeram surgir de sobre o papel dois magestosos edificios destinados cada um a ser uma Academia das Bellas-Artes: — o pensamento fecundo e animado que nos extasiou ante um estylo caprichoso e elegante, que dá um character encantador á casa de campo appresentada pelo Sr. Sequeira: — o bom gosto e os perfeitos conhecimentos da parte scientifica da architectura que deram origem a tres planos para a construcção de um theatro nacional: e o pensamento patriotico que transparece nos projectos de um monumento levantado á memoria do Sr. D. Pedro, Duque de Bragança — podiam haver concebido e traçado o mysterioso e sublime projecto de um templo gothico: mencionámos e sentimos esta falta; mas não a censurámos, nem o podiamos fazer. — Os motivos que mais concorreram para que este estylo, todo sentimento e mysterio, não apparecesse representado na exposição, talvez sejam os mesmos que tornam impossivel a formação de um typo novo, e ainda fóra esses — ha outros. — A origem das differentes expressões da arte, das novas formas do pensamento, nascem sempre da crença e da esperança. O mundo oriental teve um estylo robusto e pezado, a sua crença era a admiração — a sua esperança a força. — O mundo antigo teve outro, porque a admiração foi substituida pelo sentimento do bello — a força pela sciencia. — A idade media tambem terá um typo seu — o mais poetico de todos, porque a sua crença e a sua esperança não se prendiam á terra, voavam para Deus: mas hoje o que se espera, e no que se crê? — ha esperança no futuro, e ha crença nessa esperança, por consequencia só o futuro poderá possuir um novo typo de architectura, uma nova expressão da arte. Conhecida a evidencia destas palavras e havendo mostrado que nenhum dos typos antigos em geral se podem adoptar para a nossa epocha, só nos restará examinar o ultimo recurso — a formação de um estylo ecletico. Como já dissemos o estylo grego e o estylo romano representam os caracteres de duas epochas que

não podem ter nada de commum com a epocha actual — e nesta só poderão apparecer em certos casos — o seu apparecimento é uma excepção. — O estylo gothico tambem não póde já ser seguido como regra geral, nem talvez nunca o deverá ser; o pensamento donde nasceu só póde e deve ter uma forma — e esta forma — é o templo. O seculo em que vivemos não se quer sujeitar á immutabilidade de um character, á existencia d'um typo — é como a onda que não pára, como a sombra que se não apaga, como as estrellas que se não contam — regeita o calculo porque a variedade dos seus movimentos não permite que lhe seja applicado: foge á concisão das definições, e ao concreto dos conceitos: e nenhum destes obstaculos, que a sua variedade oppõe a qualquer apreciação, se póde considerar como um facto que o torne inferior aos seculos passados: a missão do homem neste mundo é immensa e magestosa, revela-se nos esforços da intellectualidade; mas o pensamento nem sempre segue a mesma direcção, nem sempre se manifesta do mesmo modo. — Falta-nos o instincto puro dos primeiros povos que a sciencia civilisou — o nosso pensamento não está virgem: mas tambem não está cansado — não o póde estar — arremeça-se para o futuro, e espera que a luz do tempo que hade vir desabrochará as flores das suas esperanças: mas para caminhar para esse futuro toma todas as direcções, derruba todos os obstaculos, e até muitas vezes esquece as respeitaveis lembranças do passado. A scena que hoje se passa no mundo não é menos interessante do que as que se passaram outr'ora; se os templos gregos e romanos o não revestem de pompa ostentosa e soberba, se as cathedraes com o immenso véu de laçarias o não envolvem, o espirito humano o fecunda com toda a sublimidade da sciencia, e a verdade da comprehensão. — E á luz vivissima da sciencia os erros da humanidade desaparecem, sejam quaes forem os nomes que os auctorisem. — Agrippa, Paracelso, Cardano, Campanella e João Pico de la Mirandola não os podem salvar desse fado supremo. Não julgueis por tanto a humanidade estacionaria pela não vèrdes crear um typo artistico, ou não poder adoptar quaesquer dos antigos. — Neste caminhar que nos dirige para uma epocha de luz e de paz, havemos de encontrar a idéa da arte, perdida hoje no cahos da nossa apparente desorganisação, havemos de a amar com amor tão fino e extremoso como ainda não foi amada: mas primeiro havemos de encontrar o pensamento religioso, a idéa de Deus, a verdadeira origem de todas as que nos arrebatam pela formosura e encantam pelo sentimento — esta idéa é a luz — é a vida — a sua aurora já desponta no vasto horisonte do futuro. O homem subiu ao pincaro dos rochedos, perguntou ao mar pelos segredos que a natureza guarda em seus abyssos — aos rios pela origem da sua tumultuosa ou placida corrente — ao trovão que retumba nos ares — ao relampago que parece cortar o espaço, quaes eram as causas de que são effeitos — ao volcão que rebenta distante delle, qual seria a origem dos seus fogos — as plantas que o cercam, interrogou-as sobre o mysterio da sua existencia e propagação — á rocha que trema sob os seus pés, perguntou pela causa que a faz estremecer — e aos céus que o coroam, pelo segredo dos seus mundos encantados no mysterio necessario do infinito. — O homem interrogou a natureza, que revelando-lhe cada um dos seus segredos o ensinou a proferir syllaba por syllaba o nome de

Deus, e se do passado esqueceu muitas virtudes, tambem desprezou muitos erros; deixou de empobrecer o mundo, cuidando que o enriquecia se podesse converter em ouro os objectos que o cercam; e decompondo um raio de luz, descobriu ao mundo o segredo da coloração do Universo, occulto a tantos seculos — cessou de pertender extrahir a immortalidade do orvalho da noite, e só a espera do Eterno; não liga o seu destino a uma estrella, mas toda a sua alma aos astros que povoam o espaço; deixou de ler o futuro nas entranhas das victimas, ou nos livros das Sybillas — e desprendendo o pensamento destes barbaros preconceitos, novas e importantes descobertas o tem illustrado. — A humanidade, absorta em todos estes pensamentos, luctaria debalde se pertendesse adoptar os estylos antigos ou um novo — e se observarmos o que se passa por essas partes do mundo, onde mais se debatem estas questões fundamentaes da arte, veremos a verdade destes principios. — Em Alemanha — esta questão se debate com todo o profundo estudo de que essa nação pensadora é capaz: mas com toda a variedade que a opinião póde suscitar — Em Munich, por exemplo, a architectura entretem todas as atenções, e serve d'argumento para a resolução do grande problema: Kleuze construe uma nova igreja protestante no estylo byzantino — é um templo forrado de ouro: — a nova universidade de Munich, o seminario e uma nova bibliotheca, recordam este mesmo estylo: — a igreja de S. Luiz segue a tradição das mais santas inspirações artisticas: Ziebland transpõe uma basilica romana do seculo 5.º para um convento de frades: o Pinacotheco e o Glyptotheco são monumentos da antiga Grecia, levantados no centro da civilisação moderna. — Esta falta de unidade, esta desharmonia no gosto — são as provas mais evidentes da exactidão do que temos dito, e servem para animar muito mais os architectos alemães, que pertendem formar um typo ecletico, o unico que póde ter uma applicação immediata e em harmonia com os nossos usos, e que póde ser generalisado a todos os casos que não forem os que podem ser a excepção desta generalidade; e estes poucos são. — O Sr. Sequeira, professor substituto de architectura civil, comprehendeu a necessidade que havia de fazer conhecido entre nós este elegantissimo e formoso estylo — e apesar do continuado trabalho que lhe custa o cargo de secretario da Academia, o qual exerce digna e pontualmente, poude com geral admiração apresentar formosa e elegantemente o bem acabado e intelligente plano de uma casa de campo no estylo ecletico. O estylo romano, que já dissemos, estava representado no riquissimo e magestoso projecto para um palacio de justiça — o qual é devido ao reconhecido talento do Sr. João Pires da Fonte — professor proprietario da aula de architectura civil — tambem teve outro plano que o representou com todo o vigor e primorosa decoração que demanda, e foi o projecto para uma academia das Bellas-Artes, delineado pelo Sr. Valentim José Corrêa, *condecorado com as honras do accessit* no recente concurso. — O typo grego, em toda e pureza e sublimidade do seu estylo, foi trazido a esta exposição pelo Sr. João Pedro Monteiro — que no seu projecto d'uma academia de Bellas-Artes com todas as suas dependencias e officinas — o apresentou de um modo que sorprehendeu quantos viram esse projecto, que por certo deve ser considerado como um dos primores d'arte, apparecidos na exposição — o Sr.

Monteiro foi premiado com a medalha de ouro — e de um modo digno de artista ganhou o maior premio com que a Academia anima o genio e recompensa o merecimento — francamente devemos declarar o que todos tem pensado. — A dadiua deste premio foi a justiça mais inteira e bem merecida que o distincto corpo academico podia fazer. — Quando descrevermos mais de espaço todos os diferentes projectos que tornaram a exposição deste anno um monumento de gloria nacional e de saber artistico, tornaremos a fallar no plano do Sr. Monteiro e no do seu digno condiscipulo: assim como nos trabalhos dos seus sabios professores, que por tantos motivos são dignos de louvor e admiração: e nos de todos quantos concorreram para demonstrar o estado de adiantamento em que a architectura está em Portugal. A exposição de architectura veio auxiliar a decisão da gravissima e fundamental questão d'arte, de que tentamos dar uma idéa abbreviada e talvez incompleta. — O Sr. Sequeira, representante do estylo ecletico, appresentou a regra. — O Sr. Fonte e o Sr. Monteiro appresentaram as excepções. — O Sr. Fonte reclamou para a arte romana a prerogativa de ser o templo da justiça — a reclamação foi rasoavel e digna de louvor. — O direito ainda é romano, o templo que se lhe destina deve-o ser. — O Sr. Monteiro appresentou a vastissima e bem pensada idéa de que a arte grega deve decorar o templo das Bellas-Artes — foi acertado e merecedor de todo elogio este seu pensamento: porque uma academia das Bellas-Artes deve ser um archivo do bello ideal — e esta origem secundissima de todos os progressos artisticos, por certo que ainda até hoje nenhum povo a conheceu melhor do que a Grecia. — Só faltou um argumento para resolver a questão — o estylo gothico. — O templo não appareceu — porque a exposição de 1843 devia ser um facto importante para a historia da epocha, assim como foi um facto de subido valor para a historia das Bellas-Artes. — A arte é a verdadeira imagem do pensamento dos povos. —

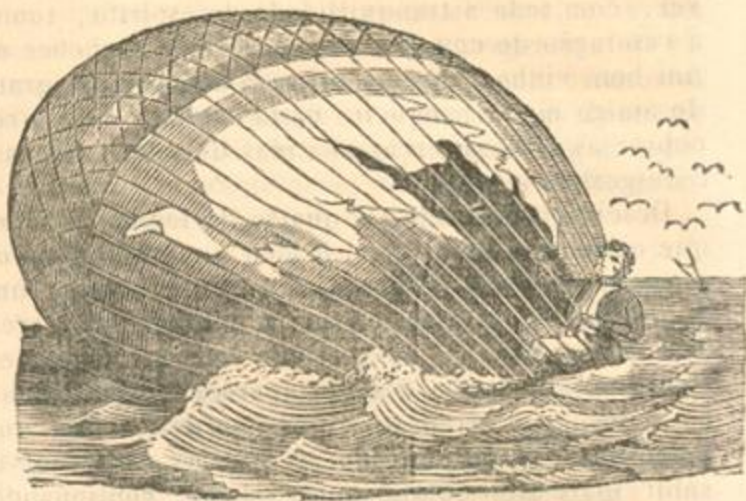
S. J. Ribeiro de Sá.

#### BALÕES OU MACHINAS AEROSTATICAS.

4.º (\*)

A VIAJEM aerea de Testú, feita em Paris a 18 de junho de 1786, durou doze horas e offereceu particularidades extraordinarias: assim que o viajante chegou á altura de tres mil pés, temendo a ruptura do balão, occasionada pela demasiada expansão do gaz, deixou-se cahir n'umas terras ao pé de Montmorency. A gente de trabalho, que por alli estava, correu para elle; e querendo o proprietario do campo fazer pagar o aeronauta os prejuizos que causára na seára, arrastava o balão para a aldêa seguido da plebe: porem Testú alijou o lastro, cortou as cordas por que puxavam os camponeses, e tornou a subir, deixando-os em pasmaceira. Impellido depois por uma corrente de ar achou-se involto em uma nuvem borrascosa na qual permaneceu por tres horas em obscuridade completa, até que dissipada entre as duas e tres da manhã poud baixar á terra, na distancia de 25 leguas do lugar donde partira.

(\*) Continuação de pag. 15.



Em julho de 1785 o major Monney ascendeu n'um balão de sua invenção, o qual se rasgou e foi cahir no mar d'Alemanha. O infeliz esteve por espaço de cinco horas em grandissimo perigo, apegando-se aos restos da machina, que fluctuava no oceano, até que o recolheu o navio Argos, junto á costa de Yarmouth.

Prosequiremos esta materia com a narração da viagem do capitão Lunardi, nesta cidade, em 1794, que tinhamos prommettido em o precedente artigo. Deixaremos que a conte o proprio aeronauta. —

#### A viagem aerea de Lunardi, em Lisboa.

Os applausos, com que me tem honrado a nação portugueza, me fazem esquecer as minhas passadas desgraças, e me obrigam a dar-lhe, em prova do meu reconhecimento, uma exacta narração de toda a minha viagem aerea. Poderei fallar em alguma circumstancia, illudido pela distancia, em que me achei, e em paiz desconhecido; mas nunca faltarei áquella verdade, que sempre professei, e de que dei um testemunho tão authenticico, verificando o que tinha promettido. Porque em fim, apezar dos incredulos por ignorancia, e dos meus inimigos por malevolencia, tive a gloria de dar a toda esta illustre nação um espectáculo tão novo em Portugal, como maravilhoso, qual foi a minha viagem aerea.

Sabi da real praça do Commercio no dia 24 de agosto ás 4 horas e 40 minutos, e subi ao ar com uma força elevatriz, proporcionada a 15 arrateis, dominando o vento norte. Logo que cheguei a uma legua de altura, o vento que parecia obrigar-me a correr 5 leguas por cada hora, no ponto de elevação, em que me achava, apenas me deixava fazer legua e meia por hora; e por tanto me conservei perpendicular sobre a agua hora e meia. Achei o vento oeste, e subindo mais, mudou-se para o noroeste.

Despendi todo este tempo em observar a encantadora scena, que tinha por baixo do meu globo aerostatico. O sol redobrava a formosura da scena, dando a todos os objectos a sua verdadeira luz por nma parte, e pela outra uma sombra forte: e por tanto ainda quando me achei na maior altura, que era de legua e meia, sempre pude distinguir com toda a individuação os terrenos cercados de arvores, as planicies, os bosques, e as mattas.

Em quanto durou o dia, tive sempre debaixo dos olhos, e com toda a clareza as duas praças, do Commercio, e do Rocio, e depois de me ter diver-

tido por muito tempo com um painel tão admirável, com toda a tranquillidade de espirito, tomei a resolução de comer alguma cousa, e ao beber de um bom vinho, de que fui regalado por um grande amigo meu, banqueiro nesta capital, devi o recobrar as minhas forças abatidas de tantas fadigas, e desgostos.

Desci depois quasi um quarto de legua, e achei que o vento crescia, fixei o meu quadrante, e conheci que estava perpendicular sobre a terra um quarto de legua, alem do rio; e não achando a arêa na sua côr natural, julquei ser este um lugar perigoso para a minha descida, parecendo-me pantanoso, e muito extenso, e por isso deitei fóra um sacco de arêa do peso de 20 arrateis, e tornei a snbir mais alto do que antes estava, continuando sempre o vento noroeste.

Nessa situação experimentei muito frio; nunca porem chegou a congelar-se a agua, que tinha levado em uma garrafa. Principiou a rarefazer-se o ar inflammavel dentro do globo, e por consequencia a machina se encheu extraordinariamente, e sahiram pela boca mais de 600 almudes do dito ar. Sobreveio-me uma caimbra no dedo annullar da mão direita, e outra na perna esquerda. Chovia sempre pelo cóllo do globo alguma agua, por effeito da condensação do ar inflammavel, e tendo-a provado, a achei sabendo a um acido semelhante á casca dos nabos.

(Continuar-se-ha).

#### ANTIGAS CÔRTEES DE PORTUGAL.

(Continuado de pag. 11 do presente vol.)

ALEM das côrtes geraes havia as especiaes, que eram propriamente congregações de um só braço, onde se tratava dos interesses da ordem representada, unicamente. Estas congregações, se eram da nobreza, chamavam-se *curia* ou *conselho*; como foi o celebrado em 1251, reinando Affonso 3.º Se eram do clero, chamavam-se *concordata*. As do terceiro estado, umas vezes eram convocadas para tratar dos negocios de toda esta ordem; e outras para discutir meramente os concernentes a uma provincia, a um almoxarifado, e a um simples concelho: e até ha exemplo de capitulos propostos pelos mestres de uma terra. Quando o objecto não tocava a toda a ordem do povo, limitando-se a uma ou mais terras, convocavam-se sómente os procuradores dessas. Ainda havia uma terceira especie, cujo typo ou exemplar se encontra n'uma resolução das côrtes celebradas em Torres Novas, anno de 1438, durante a menoridade d'elrei D. Affonso 5.º; e era a resolução «que se fizessem côrtes todos os annos com dois prelados, cinco fidalgos, e oito cidadãos.» Pela sua fórma e encargo especial, alguma analogia tinha esta especie de juntas com a deputação permanente decretada na constituição politica de 1822.

Com este esboço ligeiro do mechanismo das côrtes, passo a tratar dos seus actos.

As côrtes geraes mais antigas, de que chegou até nós memoria escripta, celebraram-se em Coimbra, anno 1211: e as mais importantes decisões em que allí se assentou e se publicaram por D. Affonso 2.º, foram as seguintes: que em toda a parte houvesse juizes de eleição popular, e não a alvitre dos poderosos: que a nobreza nenhum privi-

legio tivesse nos contratos: e que se pozesse cobro ás desmedidas aquisições do clero, e se lhes prohibisse a compra de bens de raiz.

Favor á terceira ordem, e freio ás demasias das outras. Daqui a lucta entre estas e o throno; lucta em que o clero, mais influente que a nobreza pela importancia dos bens e o prestigio das armas espirituaes, tomou o ascendente: e dessa lucta resultou, logo no reinado que se seguiu ao de que nos occupámos, a deposição de Sancho 2.º

No reinado de D. Affonso 3.º se juntaram côrtes em Coimbra para tratar da moeda, e outros objectos: em Leiria, anno 1254, se congregaram para prover ao estado do reino, emendando abusos introduzidos na administração, e tomando medidas a favor do commercio: e em Santarem, anno 1263, se reuniram outras para a correcção dos costumes, e entrega dos bens pertencentes ás igrejas, com o fim de satisfazer a Gregorio 10.º, e aos bispos do reino que se lhe tinham queixado.

D. Diniz reuniu côrtes em Lisboa, anno 1285; no Porto, 1290; outra vez em Lisboa, 1301: todas destinadas á inquirição das Honras. As de Guimarães, anno 1308, trataram tambem de honras, e limitaram novamente as comedorias dos fidalgos nas igrejas e mosteiros de que eram padroeiros. O mandar inquirir ou devassar ácerca de honras era, naquelles tempos, uma grande medida economica, e um acto de vigorosa politica. Era medida economica, porque pelo privilegio dos logares honrados, e o abuso de honrarem indevidamente outros, os fidalgos levavam geito de absorver em si todas as rendas do estado. Era acto de energia, porque maior côrte na influencia e riqueza da ordem nobre não podia dar-se; e a não ser esse côrte, a corôa ficaria reduzida a um symbolo vão de poder; e a extensão indefinida de um privilegio, que exemptava dos encargos geraes os agraciados, viria, com o tempo, a tragar todos os bens d'aquelles a quem não abrangesse o mesmo favor. N'este reinado se descarregaram atrevidos golpes contra as duas ordens privilegiadas. Contra o clero e ordens religiosas as famosas leis da amortisação, revocadas do esquecimento ou do desprezo em que jaziam. Contra os nobres, permittindo-se ás partes appellar directamente para o rei e suas justiças das justiças dos coutos dos donatarios, das quaes até então se não recorria senão para estes; e tirando-se aos ricos-homens a prerogativa magestica de armar cavalleiros. Mais que isto foi ainda o revogar D. Diniz as mercês e doações que tinha feito nos primeiros annos do seu governo.

No seguinte, o de D. Pedro 1.º, em 1361, foram sancionados por este rei justiceiro e popular todos os 80 artigos — excepto somente um, o mais insignificante de todos — que lhe appresentaram as côrtes de Elvas reunidas no mesmo anno. Entre esses artigos ha muitos importantissimos; e d'elles noto a sancção do 12.º em que se revalida uma resolução anterior para que não valha carta passada pela chancellaria d'elrei contra as leis feitas em côrtes, *salvo se essa carta for de graça e dada por os do seu paço, e feita em ella menção da lei que se derroga.* E a do 58, para que se não possam publicar e executar no reino lettras e rescriptos pontificios sem o placito regio, pena de prizão aos infractores. O 15.º, no qual pediam os povos se ordenasse que todas as mulheres publicas e barregãs trouxessem seus vestidos *stermados e desvairados* das mulheres casadas. foi o unico que elrei recusou sancionar; respondendo:

*Mandámos que tragam suas vestiduras como as podem aver, porque perderiam muito em os pannos que teem feitos, e nos adubos que em elles tragem.*

Com as medidas promulgadas n'estes dois reinados cahiram em abatimento e desvalia as ordens nobre e ecclesiastica: aquelles dois cedros vergaram, e inclinaram-se para a terra aos rijos tufões com que os açoitára o throno. E no governo de D. Fernando que se lhes seguiu — ainda que fraco — o machado das reformas entrou bem desapiedado e bem fundo pela raiz d'aquellas arvores tão frondosas. Nas côrtes de Lisboa de 1371 se ampliaram as leis da amortisação a todas as aquisições de bens de raiz: e nas de Atouguia de 1372 se cerceou muito e marcou definitivamente a jurisdicção dos donatarios. Não foram sómente estas, outras providencias houve, e n'esse mesmo reinado, que tenderam ao abaixamento das duas ordens. Noto as que se publicaram nas côrtes de Atouguia em 1376, concedendo aos proprietarios de navios de mais de 50 toneladas muitos privilegios e isenções no tocante a serviço militar e outros tributos; facultando-lhes tirar gratuitamente das mattas reaes mastos e madeiras; isentando de direitos os generos de construcção e as compras e vendas de navios feitos; dispensando o dono d'estes, na primeira viagem, dos direitos de exportação, e metade dos de importação; restaurando e ampliando a bolça de commercio confirmada aos mercadores por D. Diniz. Assim se ia depreciando o valor moral da nobreza e clero, porque no regime dos privilegios que de si são máus, quanto maior é o numero dos individuos a quem elles se estendem, tanto se caminha mais para o bem, e para o regime opposto, que é a liberdade; e no governo monarchico-aristocratico, tudo quanto augmenta a preponderancia da industria, que é verdadeira e duradoira, tende a diminuir todas as preponderancias que se fundam em ficções e accidentes, e são transitorias. A este reinado observo d'entre os capitulos geraes offercidos pelos povos nas côrtes de Lisboa, que já disse, os seguintes mui notaveis: «que se não fizesse guerra nem moeda sem consentimento dos povos: que a despeza da casa real fosse moderavel, e inalteravel: e que se fizessem côrtes de tres em tres annos.» N'elles se resumem as principaes queixas arguidas ao governo de D. Fernando, e bem se caracteriza a franqueza com que os homens d'esse tempo falavam ao throno.

Mas errará gravemente quem por esta nobre ousadia dos representantes do 3.º estado medir o grau das liberdades, ou avaliar os effeitos e os beneficios do systema representativo em Portugal. N'esse tempo as reclamações da 3.ª ordem eram frustradas, se não encontravam acolhimento na indole, ou na politica do monarcha; e os mesmos capitulos com os mesmíssimos queixumes, repetidos successivamente em differentes côrtes e em differentes reinados, demonstram a pouca ou nenhuma efficacia das assembleas politicas, quando o zelo e boa vontade da coroa as não acompanhava em seus esforços. Assim vemos, entre mil outros exemplos que por brevidade omitto, figurar entre os capitulos das côrtes de 1482 em tempo d'elrei D. João 2.º o seguinte. — «Que d'alli em diante as igrejas e clerigos não podessem comprar bens de raiz» prova evidente de que até então, no espaço quasi de dois seculos, se não tinham observado as leis da amortisação, anteriores a D. Diniz e suscitadas por elle. Pela mesma razão nada aproveitava instarem os estados que se mar-

cassem periodos fixos á convocação das côrtes: e se acontecia achar-se o thesouro de um dos nossos reis um tanto provido ou pelas accumulações dos monarchas anteriores, ou pelos progressos da riqueza publica, esse monarcha bem podia escusar os subsidios extraordinarios, e o incommodo de reunir a representação nacional para que lh'os votasse. Nesta situação exactamente se achava o reino, quando subiu ao throno elrei D. Fernando.

(Continuar-se-ha).

A. d'O. Marreca.

#### DA MUSICA COMO INSTRUMENTO DE CIVILIZAÇÃO.

De todas as Bellas-Artes, a musica é sem contradicção a que mais directa e mais naturalmente conduz á civilização dos povos: é a que se adquire com mais facilidade, a que mais se adapta a todas as condições, a todos os entendimentos; e tem a particularidade de pertencer, ao mesmo tempo e em grau igual, ao rico e ao pobre, ao sabio e ao ignorante; tanto a podem aprender o menino de 8 annos como o homem já maduro na idade.

A melodia é necessaria ao homem; de alguma maneira nasce com elle: Deus no-la deu para adoçar as amarguras da vida; é o remate e o echo das harmoniosas canções do céu; dissipa os tedios e desterra os pezares que nos tyrannizam a existencia; excita e com sensações indiziveis quanto a alma comprehende de nobre, de ideal e de mysterioso. Percorrei as cidades populosas, as pequenas aldeas; entrai nas fábricas, nas officinas, nas choupanas; descei a esses fundos subterraneos onde se vão enterrar povoações inteiras dando-se a penosos trabalhos de mineração; por toda a parte ouvireis cantos, e convencido ficareis de quanto seria facil cultivar a disposição innata dessa gente soffredora, para gozar os beneficios da musica. Qual será, pois, a razão de muitos governos da Europa nunca se lembrarem de mimosear os seus subditos com institutos que por sua natureza e regimento fizessem popular a encantadora arte da musica? Qual o motivo de não praticarem o menor esforço para que chegasse ás mais inferiores escalas da sociedade essa fruição pura e serena, que dá vigor ao operario em suas fadigasas tarefas, minora as privações do pobre, expelle o enfadamento do abastado, e aformosea a existencia de todo o genero humano. Ide á Alemanha, achareis em cada freguezia uma escola de canto, porque o mestre do logar ás attribuições de preceptor das primeiras letras ajunta o encargo de organista da parochia; cada familia, reunida ao serão ao pé do lar domestico, vos causará prazer, tão grato como inesperado, pelo desempenho perfeito e intelligente dessas harmonias singelas e tão suaves; exercicio que, frequentemente repetido, não foi destituido de influencia nos costumes de um povo, inculto e rustico outr'ora, e modelo actualmente das nações civilizadas. — Na Italia, por instincto musical mais desenvolvido nos habitantes de tão feliz clima, e em razão das instituições civis, ouvireis admirado os barqueiros de Veneza, e os camponeses da Lombardia e da Toscana, que vos regalarão o ouvido com os melodiosos versos do Tasso e do Ariosto, expostos em notas improvisadas.

Os italianos e os alemães accusam as outras nações de não conhecerem esse recreio, vulgar ha tanto tempo entre elles, e até se capacitaram de

que na organização physica differem dos outros pelo que respeita á musica; no que estão muito enganados. — Acaso suppõem que os demais povos sejam menos sensiveis á melodia engraçada, ás harmonias dirigidas pelas regras? Porventura será forçoso reduzir a questão de geographia a organização physica e moral das nações, e desesperar da vulgarisação da musica em tal e tal região, porque a circumscrevem, ou o Rheno, ou os Alpes, ou os Pyrenéus, e porque, ou é cercada de mar, ou situada no extremo da Europa? — Não é assim: o canto é natural ao homem, a excellencia da sua voz não depende da escala do thermometro. Dêmos que o clima possa nisto influir; a verdade é que a educação concorre muito e muito mais. A pratica, excitada pelo exemplo, ha poucos annos, tem desenvolvido o talento dos nossos patricios para a musica, de maneira que, nas companhias familiares, com assombro dos professores e enlevo de todos os concorrentes, cantam muitos mancebos, muitos da idade varonil, e muitas e mimosas senhoras, que causam inveja a quem exclusivamente exercitára arte tão bella no centro de merecidos applausos. — Entra hoje a musica como parte principal no ensino particular; e crearam-se aulas, custeadas pelo governo, para os alumnos da Casa Pia, e para os do Conservatorio da Arte Dramatica. Já isto é demonstração de adiantamento, para que esta pobre nação não seja, apesar dos seus esforços, criminada de atrazo em tudo, como alguém para menoscabar-nos inculca. — Sendo completamente organisados os seminarios das dioceses, conforme a disciplina e perfeita educação ecclesiastica, é certo que hade attender-se ao canto proprio das solemnidades religiosas: não é esse porem o nosso objecto por agora. — Cumpre que a musica seja ensinada, ao menos nos gymnasios e lyceus de conta do Estado, assim como é cultivada nos collegios particulares. — A nação, dotada de tamanhas tendencias para as artes de imaginação, sobresahirá naquella, mais geralmente do que o tem mostrado, e até por ser a que menos difficuldades encontra no estudo e ensino, como já notámos.

(Concluir-se-ha.)

### Bibliographia.

*Tratado dos deveres do homem, dirigido a um joven, por Silvio Pellico de Saluzzo, vertido do italiano e á mocidade portugueza offerecido por F. C. de Mendonça e Mello.*

SE no seculo em que vivemos — o genero humano tem muitas vezes fugido do unico caminho que o poderia conduzir á felicidade, se tem crestado com o fogo das paixões as viçosas flores da esperanza que a crença aviventa: tambem tem havido alguns homens que, semelhantes a esses prophetas inspirados dos primeiros seculos da religião, ergueram a sua voz contra as intenções perversas, que nos arremeçavam para o abysmo da perdição. — A existencia destes homens, que na terra preenchem a santa missão de mostrar aos seus irmãos o caminho do céu e a felicidade do mundo foi considerada por muitos, e ainda hoje o é como uma prova de que a moral e a religião são amadas e seguidas — mas as inspiradas e tão puras doutrinas desses escriptores só provam a necessidade de as compre-

hender e estudar — e de separar as suas obras desses milhares de escriptos, em que o vicio e o crime com todo o descaro da sua hediondez, ou com toda a hypocrisia da perversidade, se ousam appresentar em varios quadros, ante a vista de uma geração, que no berço recebeu o osculo da incredulidade, e que hoje vive nos tormentos da indifferença. — Cumprimos um dever recomendendo e aconselhando a todos a leitura do opusculo que annunciámos. — Silvio Pellico é tão conhecido pela suave pureza dos seus escriptos e pela resignação que transluz nas suas celebres *Prisões*, que seria ostentação inutil o darmos aqui uma apreciação da sublime e tão encantadora virtude que anima todas as paginas deste escriptor. A traducção que o Sr. Mendonça empreendeu e levou a cabo — do tratado dos deveres do homem — foi um serviço grandioso que fez á sua patria — pondo ao alcance de todos um livro que a todos é proveitoso e indispensavel. A mocidade encontrará nesse opusculo o modo de tornar o seu futuro feliz pela pratica das virtudes e pelo conhecimento dos sublimes principios da mais pura de todas as religiões. — Os que já estiverem perto da sepultura encontrarão nessas poucas paginas a reprehensão que os seus erros merecem, — e esta reprehensão os conduzirá ao arrependimento proprio. — Seria para desejar que em todas as casas houvesse um exemplar deste livro, e que todas as semanas os pais de familia fizessem uma leitura solemne de algumas das suas paginas. — É conveniente que em todas as escholas o adoptem — para que a infancia possa aproveitar a religiosa e purissima doutrina de todo esse opusculo, que é indispensavel para os moços e velhos — e para em poucas palavras resumir todos os resultados que da leitura dessas poucas paginas póde resultar, trasladaremos neste lugar as expressões que terminam a ultima pagina: — «Observando tudo isto, serás homem e cidadão no mais sublime sentido destas palavras; serás util á sociedade; e far-te-has feliz a ti mesmo.» — A leitura do opusculo mostrará a todos a verdade destas palavras. — O Sr. Mendonça e Mello, que o traduziu, é digno de muitos louvores pela lembrança e pelo modo corrente com que fez essa traducção — o futuro melhor do que nós o abençoará pelo valioso serviço que prestou á moral — offerecendo á mocidade a traducção de livro tão util.

S. J. Ribeiro de Sá.

As obras primas da arte são a miniatura imperfeita das da natureza.

Os principes teem amigos na apparencia: os desgraçados nem gozam d'essa illusão.

O odio da injustiça é o maior de todos os odios: fóra talvez o unico, que se poderá justificar em presença de Deus.

Em cima de um throno ha ás vezes mais obediencia que debaixo do colmo da choupana, ao menos ás nossas proprias paixões, que é o peor dos dominios todos.

Se nos poderamos comprehender bem, qual não fóra o nosso assombro no meio da nossa miseravel fraqueza? — T. A. Craveiro.